

INDIVÍDUO E COLETIVIDADE — SOLDADO E EXÉRCITO

Ten-Cel ALBERTO DE A. CARDOSO,
Oficial de EM

Sentir-se feliz, realizado, é o direito supremo do Homem, o objetivo final de sua vida. Para atingi-lo, atua nos planos físico, intelectual, moral e espiritual. Sem dúvida que age, antes de tudo, como indivíduo; mas não está imune, em momento algum, às ações e reações de seus semelhantes, também em busca dos respectivos ideais.

Além disso, o afeto, o interêsse, e até as circunstâncias, conduzem à formação de grupos. E as entidades coletivas — famílias, classes, turmas, gerações, partidos, Nações, etc. — como que ganham vida, que insuflada embora pelos anseios e conquistas dos seus componentes, tem algo de próprio, de autônomo, traduzindo-se na mesma procura de realização e felicidade.

Desta forma, o homem e a coletividade, não obstante visem ao mesmo fim, às vêzes se tornam concorrentes, quase antagonistas. O bem de todos, que deve ser a meta grupal, impõe medidas que afetam, iniludivelmente, a realização das metas individuais. Surgem daí os conflitos e desajustamentos, nefastos à concretização quer dos objetivos de cada um, quer dos propósitos do grupo.

O homem se rebela, deblatera; e quando se acomoda é um frustrado, um improdutivo.

O ser coletivo torna-se emperrado, perde de vista as próprias finalidades, voltado exclusivamente para a solução — quase o esmagamento — dos distúrbios oriundos da insatisfação dos seus afiliados.

A COLETIVIDADE EXÉRCITO

O Exército é uma coletividade peculiar. A sua maior parte — o pessoal conscrito — vê no serviço das armas apenas uma obrigação incômoda, ainda que patriótica. Não influi ativamente, por uma infinidade de motivos, na vida grupal; apenas se deixa conduzir, com os olhos fitos no dia em que será licenciada a classe.

É verdade que muitos levam do quartel as recordações mais gratas; é inegável que êsse ano de contenção, de disciplina, tem na vida de tantos os efeitos mais salutares.

Quem não conhece um caso de rapaz rebelde, avêso a qualquer obrigação, que toma rumo certo, após a lida na caserna? Quantos aprendem, através da democracia impessoal das escalas, que não há tarefa adequada para uns e indigna de outros!

A "faxina", sob este aspecto, tem um sentido moral que escapa à percepção da maioria. Quanta grandeza existe na execução de um serviço estafante, desagradável, quando se sabe que ele é feito para o bem comum e que amanhã, irrecorrivelmente, outros o estarão realizando em nosso benefício!

Talvez fôsse preciso encarar com maior atenção o ângulo educativo, democratizador, do serviço militar. Eis uma das muitas missões para a outra parte do Exército — o pessoal de carreira.

Aí, sim, estão os indivíduos que dão vida à corporação; aqueles que, por sua vez, têm as próprias existências marcadas e condicionadas pelas normas estabelecidas em favor do todo.

O INDIVÍDUO SOLDADO

Que é o Soldado profissional? Em essência, o mesmo que qualquer criatura humana: um ente que busca, enquadrado em seu meio, realizar-se e ser feliz. Não há negar, porém, que a própria finalidade do grupo a que pertence — e por ele *escolhido* — lhe impõe condições e modos de agir característicos.

É obrigado ao trabalho em conjunto. Faz-se membro de uma equipe. Mas as doçuras das longas convivências — há cidadãos que nascem, crescem e morrem na mesma cidadezinha, no mesmo bairro, e até na mesma casa! — lhe são negadas...

Seus esforços profissionais têm de ser desinteressados, no sentido financeiro, pois em nada influirão na paga que recebe. Que diferença em relação a um médico, por exemplo, que quanto mais se destaca entre os pares, maiores proventos auferirá!

Finalmente, o militar passa a vida a preparar-se para aquilo que ninguém, *nem ele mesmo*, deseja ver concretizado — a guerra, seja externa ou civil.

É necessário, pois, que esse indivíduo se revista de convicções, antidotos contra o desgaste físico, intelectual, moral e espiritual que o próprio modo de ser da carreira engendraria. Assim, ele preserva a felicidade pessoal e concorre para a consecução dos alvos grupais.

Mas é preciso, em contrapartida, que o Exército vá ao encontro do homem, lhe dê apoio, para o bem de todos e de cada um.

INTEGRAÇÃO

Só encontra condições para ser útil, a si mesmo e à corporação, aquela que se aplica irrestritamente à militância. Não compete ao Soldado, por exemplo, acompanhar o que se passa nas demais profissões, cujos integrantes — é sempre o que se diz... — gozam de vida confortável e sem problemas.

Não se pode ter o coração na carreira escolhida e o cérebro voltado para outras. É fatal que em pouco tempo o entusiasmo arrefeça, a dedicação ceda lugar à indiferença.

Entretanto, é imperioso que o militar não sinta o acicate das privações, pessoais e principalmente no lar, a fim de imunizar-se contra o desejo muito humano de se voltar para fontes menos avaras; é mister,

por outro lado, que êle encontre em seus afazeres a motivação e os recursos capazes de dar encanto à lida diária, e não apenas limitações e obstáculos.

Aí está, pois, o primeiro passo: ao Soldado incumbe *dedicar-se* ao exército; a êste, *estimular* tal dedicação. O indivíduo concorrerá para a sua própria realização e a dos objetivos comuns; o grupo criará o ambiente para essa atividade que o beneficiará.

“Ao Exército tudo se deve dar e nada exigir dêle — nem mesmo compreensão”. Entretanto, até por interêsse cabe a êste Exército, *do qual nada se exige*, tomar a iniciativa no estabelecimento de medidas que, assegurando o equilíbrio das individualidades, concorrerão para o aperfeiçoamento do conjunto.

* * *

Depois de “dedicar-se”, o verbo mais importante para o Soldado de carreira é: *confiar*.

Por que julgar-se alguém honesto, cumpridor do dever, e não acreditar que os companheiros de armas — “vinhoda mesma pipa” — também o sejam?

Se houver um problema que fuja à sua alçada, toca pura e simplesmente, ao militar, apontá-lo aos superiores, com sugestões pertinentes. Daí em diante, êle deve *saber* que alguém, com recursos mais amplos, estará honesta e dedicadamente — tal como êle o faria — procurando a solução melhor, dentro de contingências talvez ignoradas pelo proponente.

A êste alguém, entretanto, representando o Exército como coletividade, impõe-se uma retribuição: *informar*.

Quanta crítica poupada, quando se sabe objetivamente que as deficiências estão sendo analisadas, e se conhece o porquê de uma diretriz aparentemente incompreensível! Podem surgir antagonismos até entre secções de uma mesma organização, simplesmente por ignorância do que se faz em cada uma, no interêsse geral. Que dizer das incompreensões capazes de solapar o conjunto da corporação, e cujo exemplo clássico seria o da antiga quizília entre o estado-maior e a tropa? Examinada a questão atentamente, logo se descobriria a raiz dessa disputa vã: alheamento mútuo.

* * *

Tudo, porém, será difícil, se os atritos inevitáveis no funcionamento da máquina militar, tão cheia de engrenagens, não forem neutralizados pela inteligência, compreensão, e sobretudo pelo afeto que deve unir a classe.

Somos seres humanos, falíveis, variáveis, contraditórios, por muito que desejemos nos aperfeiçoar. A esta condição se devem os desentendimentos, desvios de conduta, atitudes precipitadas, os pequenos egoísmos, que muitos não sabem relevar. Não acontece o mesmo até entre os membros duma família?

O que se perdoa a um irmão, desculpe-se também a um camarada. Tanta coisa nos congrega, na carreira comum, que fôra fraqueza permitir que incidentes mínimos turvassem essa união. É, pois, dever do Soldado, dar vida ao seu terceiro verbo: *unir*. Sem isto sofrerá o prestígio da classe: dividida, debilitada, como conquistar o acatamento, que é condição precípua para a realização de suas metas e para o cumprimento de suas finalidades?

Eis, de novo, a ação individual resguardando o interesse do Exército. E como sempre, também ao todo incumbe uma recíproca: *tranqüilizar*.

Grande parte dêsse trabalho se realizará em conseqüência do "informar", segunda grande atribuição da coletividade. O homem esclarecido é um homem tranqüilo, em melhores condições para compreender e até para corrigir, sem exaltação, os enganos de outrem.

A informação constante, objetiva, séria, torna desnecessária a busca desordenada de interpretação, feita por esforço individual e de pequenos blocos, e que resulta sempre na mais que indesejável formação de partidos, facções, alas ou que nome tenham.

Tranqüilizar é também, quando necessário, reprimir. Se apesar de viverem numa ambiência produtiva, em condições compatíveis, quanto ao bem-estar, com as legítimas aspirações humanas; se a despeito de ser a confiança o sentimento geral da classe, e de florir a união, como resultado do esforço consciente de cada um; se, embora tudo isto, aparecerem indivíduos que timbrem em solapar, destruir, subverter, dividir, arruinar, denegrir, indispor, inquietar, prejudicar, interferir, exorbitar, ferir, provocar, infensos à ação tranqüilizadora bem intencionada — torna-se imperativa a repressão. Repressão eficaz e oportuna, que simultaneamente cerceie a atividade deletéria dos desajustados irremediáveis e convença a todos da justiça e necessidade do procedimento corretivo.

CONCLUSÃO

Podemos ver, então, quais os guias para a integração. Soldado-Exército. Ao primeiro, ao indivíduo, propõe-se a grande norma: *dedicar-se — confiar — unir*.

Ao Exército, ser coletivo, o programa: *estimular — informar — tranqüilizar*.

De que forma pôr em prática êsses alevantados propósitos?

Cada título poderia abranger um novo estudo.

Vai muito de cada um, na concretização de seus ideais. Tendo-se, porém, um objetivo único, as peculiaridades de atuação, ao invés de constituírem empêço à conquista comum, se transformam em atrativos, nas relações cotidianas.

Para o Exército, o *modus faciendi* que adotar em face daquelas nobres metas pode chamar-se: *Administração*.

Dediquemo-nos ao nosso dever. *Confie*mos em nós mesmos, nos superiores, nos camaradas e nos subordinados. *Unamo-nos*.

Realizemo-nos, para sermos felizes.